



ID: 121550259

13-02-2026

ECO AO
QUADRADO

CATARINA ROSETA PALMA

Professora Associada, ISCTE
Business School

Rios na terra, rios no céu

Sento-me mais uma vez ao computador, com a banda sonora da chuva que bate no vidro da janela. Continua a chover. Chove todos os dias, e o céu não larga a tonalidade cinzento-escura de quem ainda tem mais chuva para dar. Suspiro. Pelo menos tenho um teto, eletricidade e Internet, ao contrário de tanta gente gravemente afetada pelas recentes intempéries que assolaram o nosso país nas últimas semanas. Este inverno tem sido pródigo em rios atmosféricos, que trazem grandes quantidades de vapor de água dos trópicos, atravessam o oceano Atlântico e a vêm descarregar aqui. Quando o fazem, e estando os solos já ensopados em praticamente 100% do território, a precipitação engrossa os rios das bacias hidrográficas, que correm cada vez mais fortes para o mar, muitas vezes galgando as margens que lhes quisemos impor. Seja na terra, seja no céu, este é o ciclo da água que conhecemos desde a escola primária, mas parece que tomou esteroides.

A Europa é o continente onde as temperaturas estão a subir mais depressa devido às alterações climáticas, e por isso a tendência é que ocorram cada vez mais fenómenos extremos: se por um lado são esperadas mais ondas de calor e secas, por outro lado, o aumento de temperatura do oceano potencia episódios de precipitação mais intensa e persistente, como o comboio de depressões que nos chegou neste início de 2026. Na Península Ibérica, como consequência, teremos de nos habituar a lidar não só com os incêndios no verão como também com as tempestades e as cheias no inverno. A primeira Avaliação Europeia de Riscos Climáticos (EUCRA), publicada em 2024, identifica os 36 riscos climáticos com maior potencial de consequências severas em áreas como a segurança energética e alimentar, as infraestruturas, a estabilidade financeira ou a saúde. A região do Sul da Europa, onde nos encontramos, é classificada como um “hotspot” para diversos riscos climáticos.

Para nos tornarmos mais resilientes, há que integrar a análise dos riscos climáticos propriamente ditos com os fatores de alteração não climáticos, como as mudanças no uso do solo, e preparar respostas que levem ambos em consideração. Se a mitigação dos riscos climáticos depende muito mais das políticas de outros países que das escolhas feitas em Portugal, pois a acumulação de gases com efeito de estufa na atmosfera acontece a uma escala global, a nossa capacidade de adaptação às alterações climáticas depende das respostas que consigamos dar no nosso território. A resposta a eventos extremos passa por prevenir danos e para isso temos de investir mais na preparação: é importante ensaiar cenários de médio e longo prazo, simular ocorrências, reforçar e



Paulo Novais/Lusa

testar os sistemas de proteção civil, repensar e redesenhar infraestruturas, mas também garantir que os rios têm espaço para transbordar.

Temos ouvido nos últimos meses algumas vozes a defender, a meu ver, erradamente, que não vale a pena continuar o esforço de redução de emissões rumo à neutralidade carbónica na Europa (e em Portugal, por acréscimo), porque os outros países não acompanham, numa ilustração clara do dilema do prisioneiro. Mas todos, sem exceção, devem ser capazes de perceber a importância de investir na preparação para os riscos identificados, usando o melhor conhecimento científico disponível. O vento e a chuva não discriminam, e as casas dos negacionistas do clima também podem ficar sem telhado. ■

A região do Sul da Europa, onde nos encontramos, é classificada como um “hotspot” para diversos riscos climáticos.

Coluna mensal à quarta-feira, excepcionalmente é publicada hoje

ID: 121550259

13-02-2026

CATARINA PALMA

Rios na terra,
rios no céu

P. 30

